

De corpo e alma: O discurso da motricidade

Augusto Novaski*

FREIRE, João Batista. *De corpo e alma: O discurso da motricidade*. Summus Editorial, São Paulo, 1991.

Nesta resenha, procuro expor idéias sobre o livro em questão dentro do registro que o autor adota em sua obra. O sensível e o inteligível — tema sobre o qual defende uma tese —, ele os vê em carne e osso, desvencilhando-se dos pré-conceitos seculares que determinavam uma distinção nítida, nem por isso aceitável, entre carne e espírito, entre corpo e alma. Pode-se dizer que Freire buscou e encontrou a carne no espírito e o espírito na carne, bradando em alto e bom som: eis aqui o SUJEITO!

O registro a que me referi é o da “escuta”. Há que escutar com os ouvidos, com os olhos, com a pele, com o coração, com a inteligência, com as narinas, com os pés e com as mãos.

Assim, ponho-me à escuta do livro do Prof. João Batista Freire.

Sua tentativa é de lobrigar *novos olhares sobre o corpo*.

A história mostrou-lhe que o corpo é renitente. Ele foi torturado, morto, crucificado, mas nunca deixou de ressuscitar. Ressuscitou, apesar de todas as doutrinas filosóficas, religiosas e científicas que o acuaram a uma insustentável posição de subordinação ao espírito, fazendo deste último o único refúgio da imortalidade. Há então que se preparar para a morte, pois é além dela que está a vida. A veemência do Prof. Freire contra essa mortalidade só encontra vigor igual na força dos argumentos que usa para cutucar o cotidiano, o ser-aí humano tal qual é, para se mostrar toda a grandeza que existe por detrás da simples palavra *motricidade*, expressão (in)acabada do ser humano. Ver esse “por

de trás” é descobrir de um lado, com júbilo, novos mundos para se entender o humano, e, de outro lado, sentir o gosto amargo da insuficiência da linguagem — veículo do intelecto — que, ao falar, divide. Debalde, o pesquisador tenta fugir da dicotomia, mas há sempre interstícios por onde a totalidade corpo-alma (= sujeito) se esclarecem, menos através de palavras do que no decorrer do discurso deste livro. Palavras há que esclarecem a totalidade, por exemplo, corpo e alma não se confundem, mas se con-fundem! Quanto ao discurso, bom, é importante ler o livro.

Esta obra quer reorientar nosso olhar, nosso “escutar” para nos tornarmos *aprendizes da complexidade*.

Com efeito, o homem, de todos os animais o mais desprotegido ao nascer, teve que se tornar excelente aprendiz. Essa capacidade é inédita na história evolutiva dos seres vivos. Por ter pouca força, compensou com a aquisição de habilidades; pouco veloz, inventou estratégias de cerco e fuga; sozinho era impotente: organizou-se; a representação mental foi uma reação imediata à diversidade de situações que deveria enfrentar, para reter os acontecimentos e tratá-los posteriormente. O homem, “um ruminante de símbolos...”

Sopesando bem seus conceitos e categorias, o Prof. Freire é cauteloso. Complexidade não significa necessariamente superioridade, no que diz respeito à relação ou comparação entre o homem e o animal. O fato de o homem diariamente ameaçar sua própria existência, matar seus semelhantes, explorar, escravizar e destruir a natureza é índice que esclarece a comparação aludida acima. O ser humano é diferente, diríamos, e sobrevive graças a essa diferenciação. Sua inteligência cria soluções, mas — cuidado agora! — não pára também de pôr problemas.

* Mestre em Filosofia da Educação da PUCSP. Doutor em Filosofia da Educação da UNICAMP. Membro do Departamento de Filosofia e História da Educação da FE/UNICAMP.

Por isso, diz Freire, “estamos condenados a ser cada vez mais inteligentes. Nossa vida no planeta depende disso”.

Mas há escolhos à frente, quando se fala da complexidade humana, que chegou ao seu ápice com o conjunto físico e mental. Um deles é a questão, ou o conflito, se se preferir, entre o inato e o adquirido. A cautela de Freire aí é tranqüila, mas não indiferente. Diferenciar os planos, acoplá-los através de análise mais com fins didáticos do que “existenciais”, para chegar a uma síntese sempre a se refazer, isso tudo é um dos componentes do seu método, “que fui construindo enquanto caminhava”, diz ele. Se for permitido qualificar todo o livro, diríamos que é um discurso antideterminista, antidogmático. Nesse sentido, ele é ousado, como o são Prigogine e outros que não se conformam com tradições esclerosadas.

Não é sem razão que o livro não se esquece — no mínimo, pelo menos por razões de coerência — de colocar o *método em questão*. A academia está cheia de métodos. Sem descurar deles, mas não se reduzindo a eles, Freire busca sua inspiração original na fartura de originalidade dos corpos infantis brincando e vivendo intensamente suas experiências corporais para depois, crescendo, esquecerem-se que eram corpos, tornando-se tensas, perdendo o sorriso, fingindo-se adultos, minguando e estiolando-se. Será que esse fenômeno deve ser atribuído à cientificidade, à *hibris* que mais esquarteja do que une e articula? Talvez não venha ao caso entrar nessa discussão, pois o que o texto ressalta é mais a ênfase dada inicialmente ao ver e “escutar” do que aos métodos, que são decorrências desse ver e escutar. Se os “rios” estão poluídos, é preciso ir à “fonte”. Esse percurso às avessas não parece ter sido um permanente sofrimento para o autor, pelo contrário, foi isso que lhe proporcionou tantas surpresas agradáveis, tanta fartura de originalidade!

“Eu queria chegar a um lugar onde habitassem o sensível e o inteligível, não como súdito ou rei um do outro. Eu queria chegar a um lugar que fosse o reino do

corpo, mas não um reino esfacelado por lutas intestinas como é comum em quase todos os reinos... Um país onde se veriam os sentimentos na casa da inteligência, ou a motricidade na casa do espírito... O coração pedindo emprestado ao cérebro, as mãos pedindo emprestado aos ouvidos.”

Aristóteles já afirmava que todo método deve respeitar o objeto da investigação. A investigação que este livro perfaz obedece a essa norma. A motricidade humana, “objeto” do método de Freire, é tratada com rigor, mas não com exatidão. Quanto ao rigor, há três estudos sobre o sensível e o inteligível, nos quais, a partir de um específico exercício de educação física, desenvolve-se um trabalho empírico com dados colhidos exaustivamente e tratados com extenuante vigor. Quanto à não-exatidão, isso fica por conta da fartura de originalidade que o autor sugou nos seus longos anos de experiência com educação física.

A sensação que fica ao leitor é que “o corpo continua aí, presente, reclamando nossa compreensão, nossa lucidez, tentando sempre nos dizer que estamos iludidos. Às vezes, o corpo até pede desculpas por ter sido tão atraído por sua capacidade de produzir as fantasias, as ilusões, os sonhos, a arte, a teoria. O corpo pede desculpas por ter inventado a mente, por ter inventado a alma, por ter inventado o espírito”.

